

A transformação da intimidade

Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas

GIDDENS Anthony (tradução de Magda Lopes)

São Paulo Ed UNESP 1993

A democratização da vida pessoal está condicionada à elaboração e ao exercício de práticas referidas ao relacionamento interpessoal. Anthony Giddens apresenta neste livro as mudanças nas concepções e práticas sexuais que afetaram a vida íntima das pessoas e os procedimentos para se alcançar a intimidade de no cerne da vida pessoal democratizada. Constrói a problemática da intimidade desde o final do século XVIII a partir da manifestação da sexualidade. O pano de fundo é a emergência da modernidade e com ela um modo de ser desvinculado dos padrões, convenções e hábitos preexistentes, parâmetros até então norteadores das ações. Assim, em tese, o indivíduo desatrelado dessas amarras pode decidir e escolher livremente suas opções e seus estilos de vida, os quais lhe conferem uma identidade outrora inexistente. No dizer de Heller¹, a liberdade de escolha só se tornou possível com a desconstrução do artifício natural, isto é, a circunstância do nascimento deixa de ser a sina e dá lugar a contingência, a qual possibilita que homens e mulheres agarrem seu destino no leque de possibilidades que se apresentam. Ou, ainda, citando Tocqueville², ao referir-se à democracia, regime político inaugurado com a modernidade, a possibilidade de uma mobilidade social em detrimento dos sacrifícios que o indivíduo era capaz de fazer em nome da comunidade de outrora propicia o desenvolvimento da individualidade e o florescimento dos sentimentos, enquanto componentes da personalidade emergente. Giddens radicaliza a liberdade de escolha e decisão que a modernidade oferece aos indivíduos. Para ele, o que depender unicamente da vontade dos indivíduos é passível de realização, ainda que não imediatamente.

¹ HELLER, Agnes. On Being Satisfied in a Dissatisfied Society. In *The Postmodern Political Condition*. Cambridge: Polity Press, 1988.

² TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracia na América*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1969.

No que consiste a intimidade proposta pelo autor? Trata-se da comunicação emocional entre os envolvidos numa situação de igualdade interpessoal. Neste contexto, tem que haver a revelação de emoções e ações não reveladas publicamente, de modo que as pessoas envolvidas possam se conhecer. Tal construção de acordo com a perspectiva adotada por Sennett³ falseia a realidade aqui entendida como a intimidade compartilhada com o outro, por consistir na abertura e no desvelamento das características dos envolvidos na situação. Isto porque, conforme Sennett, no mundo narcísico atual, o ser humano portador de uma individualidade, de uma realidade emocional e do livre arbítrio para decidir e escolher torna-se poderoso e voltado para suas próprias propriedades. Seus sentimentos, sua personalidade são a medida de avaliação do mundo do outro e de si. Isto significa que o mundo pessoal transborda sobre a esfera onde outrora dominava a impessoalidade, a diversidade, os interesses e gostos. Assim, a esfera pública mingua diante do robustecimento do eu narcísico. Este, na jactância de si, quanto mais desenvolve o contato consigo, menos se conecta com o outro. O segredo o protege porque este eu, paradoxalmente, é frágil também. As ausências de abertura para o outro e do desvelamento recíproco comprometem a construção da intimidade. Esta existe de maneira ardisca, porque não é o resultado de novas concepções e procedimentos, como propõe Giddens, mas surge como uma crença tirana para desviar a atenção sobre o que pode ocorrer com o futuro da humanidade diante do desequilíbrio entre esfera privada e pública.

O que vem acontecendo com a sexualidade, força motriz na construção da intimidade atual? Giddens aponta para o surgimento da sexualidade plástica, isto é, a sexualidade se desvincula da reprodução e o elo natural destas duas dimensões é abolido. A sexualidade agora possui uma existência autônoma, torna-se qualidade do indivíduo e um meio de ligação com o outro. Agora é uma opção, um estilo de vida, não mais um estado de coisas ditado pela natureza e pode manifestar-se de muitas maneiras de acordo com os propósitos individuais. Desta

³ SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

maneira a heterossexualidade não é mais o padrão de julgamento sexual e a homossexualidade floresce não mais atada aos estigmas de outrora. E agora uma questão de estilo de vida.

A transformação da intimidade diz respeito também a relação de gênero. O autor atribui a mudança observada nesta área ao trabalho da mulher na busca pela igualdade e para assegurar a democratização da vida pessoal. A mulher conquistou a sexualidade e o prazer ao passo que o homem ainda está preso a concepção da dominância masculina. Nesta situação de igualdade a maioria dos homens não se recitou diante da nova circunstância. Sua sexualidade mantém-se compulsiva e isolada das mudanças que sofreu a sexualidade feminina. Mas para Giddens não está longe de ser atingida a nova igualdade para acompanhar a mudança das mulheres, o homem precisa aprender a fazer a narrativa do seu eu ou seja saber contar a sua história emocional para ser capaz de negociar a sua vida pessoal.

O amor romântico expressou a realidade emocional e suscitou a intimidade no nascente homem moderno. Obrigou a livre escolha do parceiro conjugal, não mais assentada na propriedade mas no sentimento e assim o amor romântico libertou o vínculo conjugal dos laços de parentesco.

No lugar deste amor emerge o amor confluyente mais condizente com a atualidade. Este é ativo, contingente, por isso atrita-se com as categorias sempre e único do amor romântico. Presume igualdade da doação e envolvimento emocional. Abole as dicotomias entre atividade sexual e a *ars erotica*, a realização do prazer erótico recíproco é elemento chave na manutenção ou ruptura da união. É monogâmico enquanto for satisfatório. O amor confluyente proporciona o relacionamento puro

em detrimento do relacionamento baseado na dependência compulsiva, na obrigação da rotina, na divisão de papéis sexuais e na ausência do diálogo.

O amor confluyente proposto no livro assemelha-se nos seus ingredientes ao modelo de relação emergente apontado por Badinter⁴ fundado na igualdade, na ternura, no diálogo e na negociação constante entre os parceiros.

A autonomia pessoal ou seja a capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos para escolher e agir diante de diversas ações possíveis, o projeto reflexivo do eu, isto é, a construção emocional do passado em direção ao futuro, a sexualidade plástica, são condições básicas para a transformação da intimidade e para uma vida pessoal democratizada.

Finalizando gostaríamos de acrescentar que o preexistente que presidia as relações sociais de outrora ao dar lugar a liberdade de escolha e de ação na modernidade permitiu a instauração da negociação situacional. Quer dizer, cada contexto de intimidade requer uma negociação específica. Porém o autor parece desvincular cada contexto e seus respectivos atores de uma instância original de forma que vistos de uma outra perspectiva o diálogo a negociação numa situação de intimidade somente são possíveis como diz Habermas⁵ quando os atores envolvidos compartilham de uma intersubjetividade, isto é, de um patrimônio comum de saber.

⁴ BADINTER Elisabeth *Um e o Outro* Rio de Janeiro Nova Fronteira 1988

⁵ HABERMAS Jürgen *Teoria de la Accion Comunitativa* Madrid Taurus 1987

MARIA QUINTEIRO ■

Heroína negra

Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil

MOTT Luiz

Rio de Janeiro/São Paulo Editora Bertrand Brasil 1993 749 p

Em 1725 desembarca de um navio negreiro no Rio de Janeiro uma menina africana de

apenas seis anos. Em 1765 exatamente quarenta anos depois ela se encontra na terceira ponta do triângulo atlântico presa de novo desta vez nos Carceres Secretos do Rocío, acusada de herege e embusteira pela Santa Inquisição. Os processos inquisitoriais contra Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz e seu co-reu, seu último proprietário e capelão, o Padre Francisco Gonçalves Lopes, de mais de 350 folhas e ainda uma coleção de 55 cartas assinadas por Rosa e Padre Francisco foram descobertos por